
Jornalismo Anticapacitista: Um Estudo da Representação de Pessoas com Deficiência nas Paralimpíadas de Pequim (2008) e Paris (2024) ¹

Ana Julia Cabral de ANDRADE²
Ana Luisa Sancio PIONTKOWSKI³
Giulia Pin de PAULA⁴
Yasmin GATTO⁵
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Resumo

Este trabalho analisa a cobertura do portal Globo Esporte sobre atletas paralímpicos, comparando matérias dos Jogos de Pequim (2008) e Paris (2024) para avaliar se houve mudanças da abordagem jornalística e como ocorreram. Utilizando a análise de enquadramento e referenciais do jornalismo humanizado, a pesquisa investigou a persistência de práticas capacitistas. Os resultados apontam uma evolução parcial: as matérias de 2008, embora mais técnicas, usavam termos inadequados. As de 2024, por sua vez, apesar de algumas melhorias terminológicas, intensificaram o enquadramento sensacionalista e a narrativa de superação, que pode reforçar estereótipos. Conclui-se que, apesar de avanços, o jornalismo esportivo ainda falha em promover uma representação plenamente anticapacitista.

Palavras-chave: pessoas com deficiência; paralimpíadas; anticapacitismo; jornalismo humanizado.

Introdução

Não somente no cenário atual, mas num longo percurso traçado pela história da imprensa no mundo, nota-se a desconexão entre a prática jornalística ética e as notícias veiculadas no que tange ao jornalismo para pessoas com deficiência (PCDs).

Este artigo defende que, apesar de avanços no modo como os atletas paralímpicos são mencionados, a forma como eles são retratados ainda reforça estereótipos capacitistas e se apoia em discursos de superação. Isso contribui para uma representação imprecisa e limitada das pessoas com deficiência. Logo, evidencia-se a necessidade de uma cobertura jornalística para PCDs pautada na valorização da ocupação de seus espaços de modo a não reproduzir estereótipos e capacitismo, haja visto que autores como Bucci (2000) defendem que a função social da imprensa está intrinsecamente ligada ao respeito aos direitos humanos e à diversidade. É diante desse cenário, que este estudo tem como motivação analisar a cobertura jornalística sobre

1. Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2. Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo - UFES, e-mail: ana.jc.andrade@edu.ufes.br

3. Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo - UFES, e-mail: ana.piontkowski@edu.ufes.br

4. Estudante de Graduação, 5º Semestre, do Curso de Jornalismo - UFES, e-mail: giulia.paula@edu.ufes.br

5. Orientadora do trabalho e professora do Curso de Jornalismo - UFES, e-mail: yasmin.cardoso@ufes.br

atletas paralímpicos, tomando como base os princípios éticos, políticos e sociais. Christians (2019) propõe, uma ética jornalística fundamentada na dignidade humana, considerando-a um princípio universal que transcende culturas e contextos.

Metodologia

Este estudo utiliza a análise de enquadramento como delineamento exploratório descritivo e método principal conforme proposto por autores como Entman (1993) e Goffman (1974). O objetivo é analisar através de um estudo exploratório limitado, exemplos de como a cobertura jornalística de pessoas com deficiência durante o período dos Jogos Paralímpicos de Pequim (2008) e Paris (2024) tratou dos assuntos relacionados à realização dos jogos e aos atletas entre esses 16 anos em aspectos lexicais, semânticos e sociais como um todo, visando evidenciar uma abordagem capacitista frequentemente relacionada ao tema. Ademais, aspectos citados no Minimanual de Jornalismo Humanizado - Pessoas com Deficiência (Dias, 2019) também foram utilizados para delimitar conceitos usados na análise de estereótipos e de termos não recomendados.

A razão que traz a Paralimpíada como objeto de análise é que este período é de grande visibilidade para a mídia de referência em torno do tema. Em virtude disso, as coberturas jornalísticas precisam ser realizadas baseadas em conhecimentos sistematizados e diretrizes adequadas propostas por pessoas com deficiência (PCDs) pautadas na ética e evitando o capacitismo. O corpus é composto por reportagens publicadas durante os períodos de realização das Paralimpíadas de 2008 e 2024. Sendo esses respectivamente, 6 a 17 de setembro de 2008 e 28 de agosto a 8 de setembro de 2024 com foco nas matérias que abordam diretamente atletas ou pessoas com deficiência. Foi selecionada uma matéria a cada duas semanas do acontecimento dos Jogos Paralímpicos no formato exclusivamente do jornalismo digital do Globo Esporte, totalizando quatro matérias, sendo duas de cada ano. O intervalo foi definido para fins de comparação dos avanços na cobertura dos jogos.

Dessa maneira, devido a incompatibilidade de servidor ou perda do conteúdo por razões de cunho tecnológico e datável foi necessário descartar da análise reportagens que não estavam mais visíveis para o público ou com URL original comprometida. O objeto selecionado é o acervo digital do veículo Globo Esporte (GE),

o globoesporte.com (ou ge.globo.com como indicado no ano de 2008) um dos principais portais esportivos do Grupo Globo, ligado ao G1 e ao Globo.com.

Em 2008, já estava consolidado como uma fonte importante de notícias esportivas na internet brasileira, com cobertura de grandes eventos como a Copa do Mundo, Olimpíadas e Paralimpíadas e segue nos dias de hoje como veículo de relevância para o jornalismo esportivo. Para garantir a comparabilidade entre os dois períodos, foram definidos critérios de seleção baseados na citação de uma ou mais pessoas com deficiência e narrativa atrelada à Paralimpíada do ano em questão.

A análise de enquadramento foi realizada a partir dos elementos definidos por Entman (1993), que propõe quatro funções principais do enquadramento: definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais e sugerir soluções ou tratamentos. Entman também ressalta que o enquadramento é uma forma de selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, neste caso, destaca-se abordagens que ressaltam o capacitismo, heroísmo e termos que fomentam estereótipos em cada um dos textos selecionados.

Referencial Teórico

A análise das matérias da época das Paralimpíadas de Pequim (2008) e Paris (2024) do portal de notícias esportivos GE foi feita tendo como referencial estudos e teorias do jornalismo e do anticapacitismo. Traquina define o papel dos jornalistas como “participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (Traquina, 2020, p. 26). Assim, o jornalismo tem relevância na sociedade, uma vez que molda e influencia a população por meio de notícias. Ou seja, os jornalistas possuem poder, seja ele completo ou não.

Além disso, parte dos estudos anticapacistas se dão a ideia de que até os anos 1980, utilizava-se termos pejorativos para se referir a pessoas com deficiência, e que gradativamente os termos foram se adaptando, perpassando pelas palavras “deficiente” e “portador de deficiência”, mas, desde a metade da década de 1990, o termo de uso correto é pessoa com deficiência (Moura; Melo, 2014).

Por isso, fica claro que há mais de 20 anos termos pejorativos e retrógrados não devem ser usados, entretanto, apesar das transformações culturais e sociais, pessoas com deficiência são frequentemente associadas a figuras heroicas e de superação (Silva,

2023), especialmente quando nos referimos às Paralimpíadas. Assim, as PCDs são marginalizadas com termos pejorativos ou transformadas em heróis (Silva, 2023). No jornalismo não é diferente, uma vez que os jornalistas têm óculos especiais, que os fazem ver algumas coisas e outras não, além disso, veem de certa maneira, ou seja, eles selecionam e constroem o que é selecionado (Bourdieu, 1996).

Há também a seleção das notícias de interesse humano, ou seja de interesse do público - aquelas em que o público irá se interessar a ponto de ler -, por isso, valores-notícias muito fortes são a personalização de acontecimentos, focar em uma só situação/pessoa como tema amplo, além do gosto pelo drama (Traquina, 2020). Toda essa questão do ocultar mostrando e do interesse do público soma-se a dificuldade dos jornalistas em abordar a temática da deficiência. Os jornalistas brasileiros ainda possuem muita dificuldade em abordar a temática em suas matérias e talvez por isso eles evitam noticiar e, no momento em que a mídia perceber que precisará evitar abordagens superficiais ao escrever e falar sobre pessoas com deficiência, ela perceberá que não sabe noticiar sobre (Vivarta, 2003).

Apesar disso, nos últimos tempos, os jornalistas passaram a se referir mais sobre pessoas com deficiência, porém, em sua maioria, são mostrados casos de superação, aumentando os estigmas de que essa população é um fardo e que só pode ser vista como um símbolo de inspiração para pessoas sem deficiência (Silva, 2023).

Para abordar as PCDs de forma correta e sem equívocos é muito importante que o profissional “conheça conceitos básicos como inclusão, ambiente inclusivo, trabalho inclusivo, educação inclusiva, direitos das pessoas com deficiência” e, além disso, que se intere sobre mudanças de uso e significação das palavras (Vivarta, 2003, p. 37- 38).

Assim, como base da nossa análise do GE, um dos maiores portais de notícias esportivos do Brasil, utilizaremos o Minimanual de Jornalismo Humanizado - especificamente a parte II: Pessoas com Deficiência (Dias, 2019), que mostra quais termos já não podem fazer parte da escrita e da fala das pessoas e, principalmente, dos jornalistas. Os divulgadores de notícias não podem utilizar palavras como: “deficiente”, “aleijado”, ou “portador de deficiência”. O uso da palavra Paralimpíadas, ao invés de Paraolimpíadas, também tem espaço de discussão no Minimanual, “com o objetivo

simples de igualar o uso do termo entre todos outros países de Língua Portuguesa” (Dias, 2019, p. 9).

Além disso, esse Minimanual também frisa a questão da superação e inspiração, o ideal é “salientar a superação (sem transformar ninguém em herói ou heroína)”, mostrando que todos podem viver uma vida plena (Dias, 2019, p. 13). Outro fator que usaremos para análise é o cuidado ao falar de doenças e acidentes, o Minimanual frisa muito a responsabilidade dos jornalistas ao falar de doenças raras, mas aqueles que divulgam notícias devem ter cuidado também ao relatar acidentes que causaram deficiências, evitando o heroísmo e fazendo uma cobertura sem equívocos e com responsabilidade.

Análises

Embora o discurso em torno das pessoas com deficiência tenha evoluído nas últimas décadas, a cobertura jornalística ainda carrega traços de capacitismo, seja por meio da romantização da superação, da escolha de termos inadequados ou da superficialidade na abordagem. A partir dos princípios do Minimanual de Jornalismo Humanizado - Parte II: Pessoas com Deficiência (Dias, 2019) e das discussões sobre anticapacitismo no jornalismo, esta análise busca identificar termos incorretos e enquadramentos presentes nas matérias publicadas.

Paralimpíadas 2008

Inicialmente, analisamos a matéria “Bom dia Paralímpico: saiba tudo o que aconteceu com os brasileiros em Pequim”. O texto apresenta pequenas atualizações sobre a atuação dos atletas em diferentes categorias dos jogos naquele ano. Em destaque logo no título e utilizado seis vezes ao longo do texto, encontramos o termo “Paraolimpíada”, que foi substituído por “Paralimpíada” pelo Comitê Paralímpico Internacional (CPI), com o objetivo de igualar o termo ao inglês *paralympic* (CNN Brasil, 2024). No entanto, é importante ressaltar que a modificação só ocorreu no Brasil em 2011 e, neste caso, o material analisado é de 2008.

Em seguida, verificamos o texto “Terezinha fatura ouro nos 200m rasos”, que detalha a vitória da atleta na modalidade de atletismo. Assim como na primeira matéria, a palavra “Paraolimpíada” foi utilizada, embora apenas uma vez. Além disso, observamos o termo “deficientes visuais”, que está em desuso desde 1981, sendo substituído por “pessoa com deficiência visual” (Portal da Câmara dos Deputados, 2011) ou “pessoa cega” (Dias, 2019, p. 12). Destacamos também a expressão “deu a volta por cima”, utilizada em uma fala do guia da atleta para enfatizar sua evolução. Como já citado, evidenciar casos de superação pode indicar que pessoas com deficiência “[...] servem única e exclusivamente para terem status de heróis, símbolos de inspiração, ou então, reforçando a marginalização.” (Silva, 2023, p. 7).

Para concluir a análise das matérias de 2008, é importante destacar que ambas se prendem a uma descrição curta e técnica, com foco em pódios e pontuações. Por isso, os principais problemas encontrados dizem respeito ao uso de termos inadequados e a pequenos indícios de uma narrativa heroica.

Paralimpíadas 2024

Em seguida, analisamos duas matérias do mesmo veículo que retratam os jogos de 2024. A primeira é intitulada “Atletismo Paralímpico: como funciona, regras e modalidades”, que explica brevemente a atuação da categoria nos jogos. Identificamos o uso correto do termo “Paralimpíadas”. No entanto, observamos novamente a expressão “deficientes visuais”, que, como mencionado anteriormente, está em desuso.

Por fim, a última matéria analisada, com a manchete “Nadadora atacada por tubarão perdeu parte da perna, voltou a treinar e estará nas Paralimpíadas”, relata a história de uma atleta norte-americana que, após sofrer um ataque de tubarão, voltou às competições e disputou três provas nos Jogos de Paris. O texto tem grande ênfase na superação do acontecimento, o que, conforme discutido, pode reforçar a marginalização das pessoas com deficiência (Silva, 2023). Observamos a escolha de destacar o período necessário para sua recuperação — 15 meses — o que, além de poder gerar comparação com outras vítimas de acidentes, transmite a ideia de um tempo relativamente curto, já que a unidade escolhida não foi em anos, mas em meses.

Mais uma vez, encontramos a expressão “deu a volta por cima”. Do mesmo modo, a escolha de falas como “A natação [...] apareceu para salvá-la”, “[...] se tornar inspiração para outras pessoas” e o destaque à criação da fundação *Stronger Than You Think* (Mais forte do que você pensa), criada pela atleta para ajudar pessoas em processo de cura, reforçam a decisão editorial de evidenciar uma narrativa de superação e atribuir à atleta uma imagem de heroína.

Além disso, a reportagem dá grande destaque ao acidente, detalhando-o da seguinte forma: “Ela e a amiga nadaram cerca de 100 metros até o barco, onde começaram a estancar o sangue da perna mordida, medida essencial para salvar a sua vida.” Uma das fotos escolhidas também mostra a atleta no hospital com a família, logo após o ataque. Esse foco demonstra um sensacionalismo por parte do jornal, que pode violar a privacidade da vítima, além de reforçar ainda mais a narrativa de superação. Como pontua o Minimanual de Jornalismo Humanizado: “A função do jornalismo deve ser informar, não causar pânico, nem piedade.” (Dias, 2019, p. 23)



Nadadora com os pais no hospital, após o ataque - Reprodução: GE.

Com base na análise das quatro matérias do Globo Esporte, é possível compreender que, apesar de alguns avanços na terminologia e no tratamento das Paralimpíadas ao longo do tempo, ainda persistem práticas jornalísticas que reforçam estereótipos capacitistas. A romantização da superação, o uso de termos inadequados e

o foco sensacionalista em tragédias pessoais revelam uma abordagem que, muitas vezes, prioriza o apelo emocional em vez de uma representação digna e respeitosa das pessoas com deficiência. Assim, destaca-se a necessidade de um compromisso mais consistente com os princípios do jornalismo humanizado e anticapacitista.

Considerações Finais

Inferimos, portanto, que, apesar de já existir base teórica e social para evitar termos pejorativos e abordagens equivocadas no jornalismo, ainda há conteúdos jornalísticos que não seguem as diretrizes para evitar o anticapacitismo e o desrespeito com PCDs. Porém, é perceptível uma mudança nos equívocos cometidos, uma vez que matérias das Paralimpíadas de Paris (2024) cometem erros mais relacionados à superação, do que erros em terminologias. Isso não pode ser visto nas Paralimpíadas de Pequim (2008), que utilizam muito mais termos inapropriados. Porém essa mudança ainda não é suficiente, já que pessoas com deficiência ainda foram chamadas de termos pejorativos, como “deficientes”, que, como citado anteriormente, não é um termo apropriado desde 1981 (Portal da Câmara dos Deputados, 2011).

Além disso, matérias de superação ainda são frequentes e demonstram uma problemática ao associar pessoas com deficiência a super-heróis, visto que essas associações apenas contribuem para a ideia de que PCDs servem de inspiração para pessoas sem deficiência (Silva, 2023).

Também é importante frisarmos que houve limitações para o estudo, especialmente o tamanho do corpus, que foi definido devido a grande quantidade de matérias, principalmente das Paralimpíadas de Paris (2024). Por isso, este artigo também tem intenção de aumentar o debate sobre PCDs e Paralimpíadas, incentivando e sugerindo mais estudos sobre o tema. Sugere-se, assim, que o corpus seja aumentado em pesquisas futuras, além de inclusão de outros veículos e outras Paralimpíadas ou estudos comportamentais, sobre a percepção do público em redes sociais sobre o tema.

O caminho para o jornalismo anticapacitista já foi traçado por muitos estudiosos e teóricos, entretanto ainda não foi completamente percorrido pelos jornalistas, que insistem em cometer erros abolidos há muito tempo ou em ignorar que o anticapacitismo deve ser debatido.

Referências

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**: A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHRISTIANS, C. *The Ethics of Human Dignity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

CNN Brasil. **Paralimpíada ou Paraolimpíada?**: Entenda o uso dos termos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/paralimpiadas/paralimpiada-ou-paraolimpiada-entenda-o-uso-dos-termos/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

DIAS, A. **Minimanual de Jornalismo Humanizado - Parte II: Pessoas com Deficiência**. Think Olga, São Paulo, v. 2, 2016. Disponível em: <https://thinkolga.com/ferramentas/minimanual-do-jornalismo-humanizado-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ENTMAN, R. *Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm*. *Journal of Communication*, Oxford, v. 43, p. 51-58. Disponível em: <https://academic.oup.com/joc/article-abstract/43/4/51/4160153?redirectedFrom=fulltext&login=false>. Acesso em: 9 jun. 2025.

GLOBO ESPORTE. **Bom dia paraolímpico**: Saiba tudo o que aconteceu com os brasileiros em Pequim. Disponível em: <https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpiadas2008/Noticias/0,,MUL751767-16182,00.html>. Acesso em: 09 jun. 2025.

GLOBO ESPORTE. **Nadadora atacada por tubarão perdeu parte da perna, voltou a treinar e estará nas Paralimpíadas**. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/noticia/2024/08/29/nadadora-atacada-por-tubarao-perdeu-parte-da-perna-voltou-a-treinar-e-estara-nas-paralimpiadas.ghhtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

GLOBO ESPORTE. **Terezinha fatura ouro nos 200m rasos**. Disponível em: <https://ge.globo.com/Esportes/Pequim2008/Paraolimpiadas2008/Noticias/0,,MUL761191-16182,00.html>. Acesso em: 09 jun. 2025.

GOFFMAN, E. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. Boston, Northeastern University Press, 1974.

MOURA, I.; MELO, P. V. **Guia Mídia e Direitos Humanos**. São Paulo: Intervezes, 2014.

PIZÃO, K. **Atletismo paralímpico**: Como funciona, regras e modalidades. Globo Esporte, 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/paralimpiadas/reportagem/2024/08/28/c-atletismo-paralimpico-como-funciona-regras-e-modalidades.ghhtml>. Acesso em: 09 jun. 2025.

SASSAKI, R. **Terminologia Sobre Deficiência na Era da Inclusão**. Portal da Câmara dos Deputados, 2011. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabi>



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES
De 11 a 16/08/2025 (etapa remota) e 01 a 05/09/2025 (etapa presencial)

lidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inc
lusao. Acesso em: 09 jun. 2025.

SILVA, S. **Jornalismo humanizado e anticapacitista como instrumento de acolhimento à diversidade:** Relato e reflexões teórico-metodológicas sobre processo de entrevistas. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XLVI Congresso Nacional de Ciências da Comunicação, 2023, Minas Gerais.

TRAQUINA, N. **A tribo jornalística:** Uma comunidade interpretativa transnacional. Coleção Teorias do Jornalismo, v. 2. Florianópolis: Insular Livros, 2020.

TRAQUINA, N. **Porque as notícias são como são.** Coleção Teorias do Jornalismo, v. 1. Florianópolis: Insular Livros, 2005.

VIVARTA, V. **Mídia e Deficiência.** Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003.